

EDITORIAL

A sociedade brasileira foi recentemente convocada a comparecer a um referendo, tendo que se posicionar frente à venda ou não de armas de fogo. O resultado surpreendeu e muito se especulou sobre o significado da recusa em que se coibisse ao cidadão o direito de adquirir uma arma para se defender. Uma arma é sempre uma circunstância que se torna ocasião para uma forma de expressão de algo que provém do íntimo.

Esse impulso toma formas muitas vezes mais sutis ou, então, adquire formas sociais ideologicamente construídas. A isso caracterizamos como violência cujo resultado é muito sofrimento humano. O contraponto é o desejo e a aspiração da paz.

Nesta edição da revista *Espaços*, os professores e as professoras da área bíblica oferecem aos/às leitores/as um olhar sobre a história de Israel. A dominação dos vários impérios e a violências dos governantes de Israel deixaram profundas cicatrizes na maneira de ser, de pensar e de agir desse povo.

O ensaio de Donizete Scardelai, *A luta de Jacó como paradigma da violência*, procura responder sobre o sentido da luta de Jacó com o Anjo. Nessa luta, Jacó recebe uma nova identidade: Israel. O nascimento de um novo mundo, de um novo homem traz consigo marcas de ferimento. Uma ferida aberta na história desse povo.

Com o artigo *Sangue derramando soma-se a sangue derramado*, Shigeyuki Nakanose e Maria Antônia Marques evidenciam a realidade de violência e guerras constantes provocadas pela ganância e ambição dos governantes. Conforme a profecia do grupo de Oséias, o único caminho para sair da crise é acabar com os mecanismos de opressão e refazer a aliança no direito e na justiça, no amor e na ternura (Os 2,21).

Olho por olho deixa o mundo cego é uma reflexão sobre a profecia de Habacuque elaborada por Nancy Cardoso Pereira. Com essa profecia pisamos o chão da dominação babilônica, e da conseqüente destruição de Jerusalém e exílio de parte da população. Neste contexto, o povo se sente abandonado por Deus e clama: *Até quando, Javé, vou pedir socorro, sem que me escutes?*

O artigo de José Bortolini, *Salmos violentos: por que não rezá-los?*, questiona o porquê de não rezarmos os salmos vio-

lentos, e sugere que o façamos hoje procurando sentir os mesmos sentimentos dos criadores desses salmos. Essas orações são um constante apelo para manter viva a memória da violência e da dominação dos impérios e, ao mesmo tempo, um grito por justiça.

Haidi Jarschel e Flávio Schmidt apresentam uma reflexão a partir do livro de Cântico dos Cânticos: *Corpo expropriado – uma ameaça para a paz*. Na visão da autora e do autor, o livro dos Cânticos é negação da ética patriarcal, da regulamentação e do controle do desejo, da lei reguladora, da desapropriação dos sentidos do corpo.

Com o artigo *Os persas chegaram: a violência permaneceu!*, Daniel Godoy mostra que os povos dominados no império persa sofreram grande violência. Além da política de implantação de abusivos impostos, o império agiu com extrema crueldade com todos os grupos subversivos. Afirma que o livro de Joel representa a voz de um setor discriminado, escravos e escravas que mantêm a esperança.

O artigo *Ironizando a violência do poder: uma leitura dos contos de Daniel*, de Rafael Rodrigues da Silva, procura situar a literatura apocalíptica como literatura de esperança, pois reflete sobre a ação de Deus na história contra os poderes que desumanizam. Os contos do livro de Daniel ironizam o poder e animam a resistência de todos aqueles e aquelas que são vítimas da violência institucionalizada.

A revista está em suas mãos. É um presente para você! Que a leitura possa provocar novas reflexões e nova maneira de ser e de agir, pautadas pelo amor e pela misericórdia.

Esperamos que o amigo leitor e a amiga leitora tenham-se animado a ver como a questão da violência pessoal e institucionalizada foram sentidas, vividas, rezadas e verbalizadas por gerações e gerações de israelitas à luz da esperança de ver plenamente realizada a Aliança com Deus.

Luiz Gonzaga Scudeler
Shigeyuki Nakanose